

ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (Orgs.) Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais. São Paulo: Editora Unesp, 2012. 337p. ISBN 978-85-393-0220-8.

Marcos José Diniz Silva*

Quem não ouviu falar na cidade espiritual Nosso lar? Teria a vida e obra de Chico Xavier servido à constituição de representações da mineiridade? Como caracterizar as ligações políticas entre espíritas, maçons, anarquistas e socialistas brasileiros? Que são as pombagiras? Como se apresentam as várias correntes do campo umbandista? Como tratar as relações entre ciência e fé no tocante às práticas de cura e saúde popular oriundas das religiões afro-brasileiras?

Essas são algumas das questões desenvolvidas na obra coletiva Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais, organizada pelos historiadores Artur Cesar Isaia e Ivan Aparecido Manoel. Os renomados pesquisadores brasileiros, especialistas em história das religiões vêm, com essa obra, superar certas tendências ainda presentes, embora já desgastadas nos meios acadêmicos, de confundirem-se Espiritismo e religiões afro-brasileiras, considerando-os como diversos espiritismos da categoria religiões de possessão, ou mesmo negadoras da especificidade religiosa da umbanda, candomblés, macumbas e catimbós.

Os organizadores de Espiritismo e religiões afro-brasileiras, agregarem textos que demarcam muito claramente essas identidades religiosas, a partir das contribuições de historiadores e cientistas sociais, trazendo um amplo e aprofundado painel dessas duas poderosas vertentes do campo religioso brasileiro. Nesse aspecto, merece destaque o formato da obra e suas paradigmáticas indicações teórico-metodológicas à medida que dispõem os treze artigos da coletânea em duas partes denominadas, respectivamente, Espiritismo, História e Ciências Sociais e, Religiões afro-brasileiras: História e Ciências Sociais. Nelas harmonizam-se perspectivas analíticas de historiadores, antropólogos e sociólogos nos estudos dessas duas vertentes da religiosidade brasileira, talvez recordando e ecoando o ensino do mestre Fernand Braudel:

em nossa opinião, nada pode ser mais importante, no centro da realidade social, que essa oposição viva, íntima, repetida indefinidamente, entre o instante e o tempo lento a escoar. Quer se

* Professor Adjunto do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLASC (Campus Quixadá-Ce), da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Doutor em Sociologia (UFC). E-mail: marcosjdiniz@oi.com.br

trate do passado ou da atualidade, uma nítida consciência dessa pluralidade do tempo social é indispensável a uma metodologia comum às ciências humanas. (BRAUDEL, 2011, p.86)

Assim, na Primeira Parte: Espiritismo, História e Ciências Sociais, Fábio Luiz da Silva, em *A utopia espírita: a cidade espiritual Nosso Lar*, enfoca o livro mediúnico *Nosso Lar*, de Francisco Cândido Xavier, discutindo suas representações do “além”, revelando “diversos símbolos tradicionais ligados ao mundo religioso cristão – que já compunham o imaginário do além – e, também, o acréscimo de novas imagens, próprias do momento histórico em que foi produzida” (p.7), na década de 1940. Raquel Marta da Silva, em *Representações da mineiridade na vida e na obra de Francisco Cândido Xavier*, busca na trajetória do médium mineiro as representações da mineiridade como característica mítica que fomenta a idéia de “povo de Minas” dado ao sacrifício e ao sofrimento em favor da nação.

Num outro pólo, temos a atualização de uma pioneira abordagem¹ de Eliane Moura Silva, sobre as relações entre Espiritismo, política e lutas sociais, no texto *Entre religião e política: maçons, espíritas, anarquistas e socialistas no Brasil por meio dos jornais A Lanterna e O Livre Pensador (1900-1910)*. O estudo convida à percepção da constituição de práticas e representações oriundas das vertentes racionalista, iluminista e positivista, na atuação desses agentes, que marcaram a cultura da sociedade brasileira entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. No mesmo cenário tratado por Eliane Moura, encontra o texto de Artur Cesar Isaia, *A república e a teleologia histórica do espiritismo*. O autor explora um aspecto muito ausente na historiografia brasileira, qual seja o das compatibilidades entre espíritas e positivistas no incremento ideológico do movimento republicano e na afirmação do regime nos seus primeiros anos, como a perspectiva cidadã e laica, a idéia de progresso e o evolucionismo civilizatório, especialmente percebidos nas páginas do periódico *O Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira (FEB).

Voltando ao campo dos embates religiosos envolvendo o Espiritismo e o clero católico, Rosângela Wosiak Zulian, em *A magia espírita*, apresenta as disputas intelectuais em Ponta Grossa-PR, na primeira metade do século XX, envolvendo grupos anticlericais, livre-pensadores e, especialmente, espíritas e as condenações do clero

¹Trata-se de cuidadosa atualização historiográfica, com a inclusão de novos e reveladores estudos sobre as relações entre espíritas, maçons e libertários, delineadas pioneiramente em: *Maçonaria, anticlericalismo e livre-pensamento no Brasil (1901-1909)*. Comunicação apresentada no XIX Simpósio Nacional de História – ANPUH, Belo Horizonte, 1997.

local. Zulian faz uso significativo da documentação eclesiástica, notadamente as cartas pastorais, onde a condenação ao Espiritismo é direta e voltada a caracterizá-lo como magia negra, demonismo, sortilégio, fraude, heresia. O estudo revela inclusive o alcance das condenações ao Espiritismo, emitidas pela Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), já em 1953.

E fecha a Primeira Parte da obra, o artigo de Bettina E. Schmidt, *O Espiritismo porto-riquenho como fundamento da identidade porto-riquenha*. O texto é inovador para os padrões acadêmicos brasileiros, que não costuma visualizar as realidades de outros países da América Latina, especialmente em se tratando das religiões das minorias, como o Espiritismo. Nesse caso, a autora deslinda as características da difusão do Espiritismo em Porto Rico, apresentando suas três vertentes: uma filosófica (kardecismo); uma religiosa, com igreja em lugar de centro e, por último, o Espiritismo prático (Espiritismo popular). A autora apresenta uma síntese histórica da implantação da doutrina espírita na ilha, nos meados do século XIX, destacando sua adesão entre a classe média culta, que teria demarcado as características fortemente anticlericais da sociedade porto-riquenha até os dias de hoje. Finaliza o estudo com as novas elaborações do Espiritismo porto-riquenho entre seus imigrantes em Nova York, após os contatos com os imigrantes cubanos e suas práticas espíritas e sua “santeria”.

A Segunda Parte da obra trata das religiões afro-brasileiras, que preferimos aqui enquadrá-la em três blocos temáticos de textos. Em primeiro lugar, Vânia Z. Cardoso, em *Assombrações do feminino: estórias de pombagiras e o poder do feminino* analisa, nas estórias narradas por pais de santo e espíritos, as identificações das pombagiras “como objetos de medo e fascínio, desejo e repulsa (...) ressaltam tanto a capacidade das pombagiras para o mal como seu potencial para o bem” (p.180). Mostra as recorrentes representações das pombagiras como a “maldade em forma de mulher”. Ampliando o espectro das entidades espirituais, temos Sullivan Charles Barros com *As entidades “brasileiras” da Umbanda*, apresentando substancial panorama dessas entidades como espíritos dos mortos, que constituem para os umbandistas categorias genéricas (e não individualidades, como no Espiritismo) onde “a referência à vida pessoal é substituída por um estereótipo” (p.293), tais como “crianças”, “caboclos”, “boiadeiros”, “ciganos”, “pretos-velhos”, “malandros”, e muitos outros.

Um segundo grupo de textos trata das práticas de cura e das relações dessas práticas de saúde popular com a ciência médica. É o caso de *Entre passes, plantas e garrafadas: a busca da cura*, de Maria Helena Villas Boas Cancione e Eliane Garcia

Rezende, que investiga as vinculações entre as terapêuticas dos passes e do uso de plantas, tanto no Espiritismo como na Umbanda, como artes de cura incorporadas à cosmologia umbandista e à cosmologia espiritista, percebidas através da retomada lúcida e reflexiva do conceito de sincretismo, sobretudo colocado no campo das relações de poder e no jogo das legitimações. Já Cristiana Tramonte, em *Ciência ou fé? Religiões afro-brasileiras e práticas de saúde popular*, remonta à Florianópolis (antiga vila de Nossa Senhora do Desterro) nos meados do século XIX, para tratar das práticas de cura popular das benzedeadas, rezadeiras, feiticeiros e curandeiros e sua repressão pela medicina oficial e autoridades locais. A autora destaca, nesse campo das curas populares, a aceitação pública oficial da “medicina teológica”, resultante de rezadeiras ascendência européia, e a condenação como feitiçarias àquelas vinculadas diretamente à população negra.

Uma terceira modalidade temática agrega mais dois textos, expondo os debates sobre as classificações e representações tanto das origens da Umbanda quanto das práticas anímicas das religiões africanas. André de Oliveira Pinheiro, em *Revista Espiritual de Umbanda: representações, mito fundador e diversidade do campo umbandista*, parte da noção de “mito fundador”, da filósofa Marilena Chauí, entendido em aspecto antropológico, para descrever as disputas sobre a fundação da Umbanda e suas representações históricas, através de matérias da Revista Espiritual de Umbanda, editada em São Paulo, entre 2003 e 2007. Já o texto de Vanda Fortuna Serafim, “*Estado de santo*” e Nina Rodrigues: reflexões sobre o estudo das religiões africanas na Bahia do século XIX traz a lume as reflexões de Raimundo Nina Rodrigues na definição de fetichismo nas religiões africanas, entendido tanto como prática de feitiço quanto como objeto de culto. A autora recupera a adesão de Nina Rodrigues às teses Janet sobre a histeria como divisão da personalidade, para defender que a possessão, ou “estado de santo”, poderia ser creditada ou assemelhada à histeria entre os negros. Com isso, Nina Rodrigues desafiava a medicina de seu tempo que considerava a histeria como patologia exclusiva de mulheres brancas.

Enfim, após a leitura dessa bem articulada coletânea, concordo com os organizadores quando afirmam que os trabalhos aqui reunidos “representam momentos significativos de reflexão para a compreensão da formação cultural brasileira, evidenciando um diálogo sempre necessário entre historiadores e cientistas sociais.” (p.2)

Referência

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da. (Orgs.) *Nova História em Perspectiva*. v. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RECEBIDO EM 28/05/12

APROVADO EM 30/05/12